



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega do Prêmio Caixa Melhores Práticas em Gestão Local
2009/2010**

Brasília-DF, 09 de dezembro de 2009

Bem, eu... você sabe que eu fiquei... Desculpe a brincadeira, Lindenberg, mas quando você chegou aqui e você gritou: “Oi, amor”... Eu vi tanta mulher bonita na minha frente que eu falei: eu também vou falar “oi amor”.

Eu quero cumprimentar a companheira Dilma,

O nosso companheiro Pimentel,

O companheiro Patrus,

Nossa querida companheira Maria Fernanda, presidenta da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar os companheiros vice-presidentes da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

E dizer para vocês que é muito gratificante a gente participar de um ato reconhecendo as boas práticas na gestão pública do nosso país. Por que é gratificante? Porque, habitualmente, o administrador público é olhado apenas com os defeitos, ou seja, muitas vezes as pessoas estão apenas procurando o que as pessoas não fizeram, para fazer uma crítica. E, às vezes, uma coisa boa que poderia servir de exemplo para outras cidades não é mostrada. Vocês que são prefeitos sabem quantas coisas boas vocês fizeram, que ninguém ficou sabendo fora da rua que vocês fizeram, do bairro ou da vila que vocês fizeram. Mas, se o Ministério Público for lá, se a Polícia Federal for lá, se o



Tribunal de Contas for lá e pegar um defeito, até antes de ser provado vocês irão aparecer na televisão, em rede nacional.

Eu penso que essa decisão da Caixa Econômica Federal de reconhecer as boas práticas políticas vai permitindo que algumas coisas diferentes possam acontecer no Brasil. Ou seja, sabedores de muitas das práticas, qualquer um de nós que está aqui poderá, em qualquer cidade do Brasil ou em qualquer lugar do mundo, citar como exemplo as coisas que a gente viu aqui. Escolha uma, e citar aquela que mais esteja afinada com aquilo que a gente sente, como diria nossa companheira (incompreensível) de Santos, que “a gente sente as emoções, as emoções”.

Pois bem, hoje eu já participei, de manhã, de um evento que entregou um prêmio às prefeituras que tiveram a melhor prática da merenda escolar. E, aqui, teve prefeito que recebeu os dois – recebeu aqui e recebeu de manhã. Eu penso que isso é importante porque vai disseminando junto à sociedade, junto aos administradores, que tem alguém, mesmo que de longe, olhando para as coisas ruins que a gente faz, mas também tem gente olhando para as coisas boas que a gente faz. Então, eu não poderia, Maria Fernanda, deixar de dar os parabéns à Caixa Econômica Federal por esta decisão extraordinária de começar a premiar as pessoas. Ninguém mais neste país, ninguém mais lida com prefeito como a Caixa Econômica Federal, ninguém mais. Portanto, ninguém melhor para dar prêmio às boas práticas da prefeitura do que a Caixa Econômica Federal. Portanto, meus parabéns à Maria Fernanda, meus parabéns aos vice-presidentes da Caixa e meus parabéns aos funcionários da Caixa. Até aos grevistas da Caixa eu vou dar parabéns.

Bem, eu... Não, é a primeira vez que eu venho à Caixa a convite da Caixa. Como a Caixa esteve em greve durante muito tempo não teve tempo para me convidar. Depois, dizem que eu vou mais ao Banco do Brasil, porque lá neste ano teve menos greve do que na Caixa, então eu fui mais ao Banco do Brasil. Mas eu vim aqui apenas na entrega, naquela festa de literatura de



cordel, que foi aqui neste salão. Aliás, eu acho que pela dimensão que a Caixa ganhou, este salão está pequeno. Este salão era do tempo da ditadura militar e que não vinha público aqui. Agora, vem... eu acho que a Maria Fernanda poderia botar a mão no bolso, aprovar no Conselho e fazer um salão um pouquinho maior do que este. Mas, de qualquer forma, está bom. Já está cheio de gente, já está bom.

Agora, eu penso que é importante valorizar um pouco a Caixa. E, aqui, eu vou ler só algumas coisas para lembrar vocês: a Caixa está, nos últimos anos, recuperando a sua autoestima. Depois de atravessar toda a década de 90 exercendo um papel subordinado que lhe foi imposto, o de coadjuvante, em um cenário em que os protagonistas principais eram apenas o Banco do Brasil e o BNDES, a Caixa era o “patinho feio” dos bancos públicos brasileiros. A instituição e seus funcionários também sofreram muito naquela época. Primeiro, porque teve uma ameaça de privatização e tentativas de transformação da Caixa Econômica Federal em um mero banco comercial. Esse sentimento começou a ser combatido no nosso governo, pelo sentido estratégico que foi dado à Caixa Econômica Federal.

A Instituição assumiu a sua verdadeira natureza de banco público socialmente orientado e estratégico para a operacionalização das políticas sociais do Brasil, inclusão bancária, habitação e saneamento básico. Mais ainda, a Caixa é que opera o Bolsa família, Minha Casa, Minha Vida e está envolvida na grande maioria das obras do PAC, além da extraordinária inclusão bancária que a Caixa Econômica assumiu nesses últimos anos.

Com a crise econômica, que foi a maior dos últimos tempos, esse papel foi ainda muito mais importante. A Caixa respondeu imediatamente, sem vacilações. Abriu linhas de crédito e contribuiu para baixar os juros. Tal movimento serviu de regulador das taxas e indutor da retomada da concessão de créditos bancários.



Eu me lembro que eu chamava sempre o BNB, o Basa, a Caixa e o Banco do Brasil, que eu queria saber se estavam reduzindo os juros. Sem menosprezo a nenhum outro banco, mesmo que pouquinho, mas quem toda vez me telefonava: “Presidente, estamos reduzindo mais um tiquinho”. O dado concreto é que a Caixa virou um banco muito importante neste país. Não é apenas uma coisa mais (incompreensível). A Caixa assumiu protagonismo no projeto brasileiro de desenvolvimento com redução da desigualdade. Isso só foi possível a partir do momento em que a instituição assumiu sua essência de banco público, que está na sua origem e é a sua vocação para o futuro.

A Caixa está batendo todos os recordes possíveis nas áreas em que atua. E faz isso sem comprometer a sustentabilidade e a rentabilidade empresarial. É o melhor momento da história da Caixa. Não tenho medo de dizer isso aqui: é o melhor momento da história da Caixa Econômica, desde que ela foi fundada há 149 anos. Eu espero que no dia 11 de janeiro a gente seja convidado para um coquetel, para comemorar os 150 anos da Caixa Econômica Federal, onde ela vai anunciar outro século.

Eu tenho clareza de que a Caixa, como o Brasil, como o Banco do Brasil, como o BNDES, como o BNB, como o Basa, eu acho que o sistema financeiro público brasileiro, primeiro, foi responsável, em parte, para que a gente evitasse a crise econômica. A Caixa Econômica comprou a carteira de bancos menores, a Caixa Econômica baixou os juros, até comprou 35% do PanAmericano. A Caixa deixou de ser aquele “banquinho” que parecia que fazia favor. Sabe aquele banco? “Ah, eu existo porque de vez em quando eu faço um favor para as pessoas”. Não! A Caixa tem que ser um banco com uma função social muito nítida, mas ela tem que ser competitiva, ela tem que disputar. E ela ainda tem a vantagem e a primazia de que grande parte das políticas públicas do governo é canalizada pela Caixa Econômica Federal, porque é a nossa Caixa. Não são apenas os funcionários da Caixa ou do Brasil.



Então, eu quero fazer um reconhecimento. Eu briguei muito com a Maria Fernanda. Ela, com esse jeitinho manso dela... Eu me lembro quando fui chamá-la para ser a presidente da Caixa, ela nem sabia, eu já tinha conversado com outras pessoas. Chega lá essa nordestina esguia, cabeça erguida, tendo aquele jeitinho de que “eu não quero”. E foi isso que me ganhou para escolhê-la presidenta da Caixa Econômica Federal, a simplicidade dela, a humildade. Eu vou contar um segredo, aqui. Ela me contou o seguinte: “Olha, Presidente, eu tenho um irmão que trabalha em um governo que faz oposição ao senhor. E eu penso que não combina muito o senhor me chamar para presidente da Caixa, se o meu irmão trabalha para outro partido político”. Eu achei isso tão maravilhoso! Primeiro, porque eu não sabia que ela tinha irmão. Não tinha nenhuma obrigação de me falar. Depois, o irmão dela está a 1.800 quilômetros de distância de mim, não ia me causar nenhum problema. Segundo, ou melhor, terceiro, em que ele poderia atrapalhar? Afinal de contas, que culpa você tem de ter um irmão... que culpa você tem? E foi esse jeito meigo, por coincidência, pernambucana, que me fez chamar a ministra Dilma e falar: já escolhi a presidente da Caixa Econômica Federal. Eu acho que foi um bem. Um bem, porque eu acho que a cada dia que passa nós temos que dar a nossa contribuição para provar que as mulheres não podem mais ser tratadas como cidadãs de segunda classe, e isso é mais fácil a gente provar na prática do que no discurso. Segundo, porque a Maria Fernanda conseguiu, com esse jeitinho dela, imprimir um ritmo de confiabilidade dentro da Caixa.

Eu aprendi muitas lições neste governo. Eu acho que nós vamos caminhando para um momento em que quanto menos gente de fora a gente tiver nas instituições – como a Caixa, o Banco do Brasil – melhor. Se a gente ajudar a formar... Não é... é porque fora pode até ter gente melhor. É porque a carreira de um funcionário qualificado é muito difícil. Ele, às vezes, leva 30 anos para galgar um degrau, e quando está chegando a vez dele, vem outro e pega. É verdade. É como se eu pudesse pegar um general. Um general



demora 35 anos para chegar a general, ou 40 anos. Quando vai chegando a vez dele, pega um cara de fora: “Não, o general vai ser de fora, aqui”. Um embaixador. Um embaixador, gente, a gente pensa que é fácil, eles levam mais de 35 anos para chegar ao último posto. Quando ele está pensando em ir para Portugal, a gente pega um cara, um poliglota, e manda logo para Portugal.

Então, eu resolvi tomar uma decisão de que quanto mais a gente valorizar o pessoal de carreira, mais a gente vai tendo instituições públicas fortes, com profissionais altamente qualificados, com planos de carreira bem feitos, para que todo mundo saiba que todo mundo tem chance de disputar em igualdade de condições.

Por isso, eu acho que a Caixa Econômica Federal está de parabéns. Acho que a Caixa não está batendo recorde apenas de financiamento de casas. De casas, não sei se você sabe – não sei se vocês sabem – que no governo Figueiredo, que foi o período em que mais se fez casas neste país, fizeram 436 mil casas. E nós, em cinco anos, já estamos com 498 milhões... [489] mil casas, [489] mil casas; 498 ou 489? É um número desses. O nove eu não esqueço porque foi o ano em que eu perdi as eleições e tomei um ovo na cabeça lá em Osasco, não esqueço nunca, 89. Não apenas por isso, é porque a Caixa, que durante muito tempo foi tratada como se fosse uma coisa pesada, “é muito duro carregar a Caixa, ela é deficitária, o Tesouro tem que colocar dinheiro, nada funciona, tudo é lerdo”... A Caixa está, muito rapidamente, se transformando no centro de excelência do sistema financeiro brasileiro, honrando o serviço público brasileiro.

Por isso, parabéns, querida Maria Fernanda. Parabéns aos vice. E pelo amor de Deus, não acreditem em tudo o que eu falei... Vão pedir aumento de salário, agora... Vamos abaixar o facho aí, com esse negócio de aumento de salário, porque nós precisamos distribuir um pouquinho do dinheiro que a Caixa ganha para os pobres deste país.



Mas de qualquer forma, parabéns. Parabéns aos prefeitos. Acho que vocês devem colocar este troféu que vocês ganharam, esse quadro, com muito orgulho, com muito orgulho, em um lugar de destaque na sala de vocês, porque não é todo mundo que consegue ganhar um prêmio de boa gestão neste país.

Eu tenho certeza, tenho certeza de que se fosse em dinheiro o prêmio, vocês iriam gastar ao sair daqui. Mas uma peça bonita dessas, vocês vão guardar. E toda vez que alguém olhar, vai perguntar: “O que é isso aqui?” Vocês vão dizer: “É o prêmio de tal projeto que a prefeitura ganhou”.

Então, que Deus continue alimentando a mente de vocês, para que vocês consigam produzir mais exemplos, e muitos exemplos, porque o Brasil está precisando de muitos bons exemplos.

Um abraço e que Deus abençoe a todos nós.

(\$211A)